

# MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

São Paulo, Setembro de 1955 — Caixa Postal, 8503

ANO I

N.º 2

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

## APÊLO À INTELIGÊNCIA E À VONTADE

1. Não interessa a nós Brasileiros salvar a república que entre nós permanece como intrusa indesejável. Salvem a sua república, se o puderem, os países ou nações que a possuem qual desgraça irremediável e herança dos seus antepassados, como os Estados- Unidos ou as pátrias ibero-americanas, se, por desgraça delas, quiserem considerar tradição sua sômente a época decorrente dos dias da chamada "independência" até agora. Não é esse felizmente o nosso caso. Sempre fomos e somos congênita, consubstancial e essencialmente MONARQUIA. A república nos é uma imposição de forças estranhas à Nação e meramente ocasionais, que se instalaram graças a uma bestificação acidental na vida do Brasil. Se se não houvessem infiltrado no cerne do Estado Imperial doutrinas alheias à Nacionalidade e contrárias a ela e à sua felicidade, por meio de estrangeiros "interiores", teriam sido imediatamente repelidas tal como o organismo vivo repele um corpo estranho.

2. Passada a bestificação, deram-se revoltas por todo o império, inclusive as trágicas reacções sertanejas que "adivinham" estar o Brasil sendo ludibriado pelo "regimen do cão", como dizia o desvaireado mas lúcido Antônio Conselheiro; levantaram-se tímidos ou exaltados movimentos monárquicos saudosistas, de gerações que ainda não tinham tido tempo de repensar profundamente os problemas do regimen, mas viam cair-se cada vez mais fundos os abismos que separavam a Nação do Estado falsamente legal.

3. Passada a bestificação e já mais tempo decorrido, reuniu-se por todo o País um escol de jovens que pôde repensar o problema com profundidade, mercê da cultura teológica e filosófica que o informou, após se haver libertado do medo filosófico e do informou, após se haver libertado do medo filosófico e do informou, após se haver libertado do medo filosófico e do informou, após se haver libertado do medo filosófico (mais tarde denunciada por Farias Brito) estabelecera entre nós.

Chamou-se PÁTRIA-NOVA esse escol. Tornou-se, já em 1932, o 1.º movimento político nacional, unitário, do Brasil. E continua e continuará se Deus quiser, porque o espirito é imortal e opera no silêncio e no silêncio marcha contra todas as presunções ciumentas e oposições descabidas e tiránicas.

4. Mas que é esse escol?

É um escol pensante antes de tudo. É pensamento. É cultura séria e profunda. Ama os homens brasileiros tanto quanto detesta o regimen anti-brasileiro e anti-nacional que al está. Por isso não ataca os homens do regimen a não ser quando impossível separar um do outro. Dá-lhes antes de tudo o crédito da boa-fé. Lastima-os tantas vezes. Investe contra eles se lhes descobre má-fé e perfídia; quando se lhes revela o egoismo individualista interesseiro ou a traição ao bem comum e aos bons e justos interesses da Pátria; quando os vê peculatórios, fraudadores, malversantes, aliados a egoismos estrangeiros ou, por ignorância vencível e culposa, arruinando os patrimônios deixados pelos nossos Avós, ou desprezadores dos brios, da dignidade, da grandeza, da riqueza e da soberania da Pátria, — bens todos espirituais e materiais deixados intactos pela Monarquia que a ignorância presumida e a psitacose simiesca destruíram de cambulhada com a má-fé e o mandonismo caudillesco.

5. É construtivo. Não basta ter uma doutrina tradicionalista. Cumpre pensar os problemas políticos, sociológicos, geoeconômicos, geo-políticos do presente, em função da experiência analógica do passado ou quiçá fora dela. Enquanto os partidários, os demagogos e os eleitoralistas brigam pelos cargos, êle estuda os problemas teóricos e pragmáticos do Brasil, para que se não possa dizer dêle o que dos inoperantes estadistas republicanos improvisados afirmava Afrânio Peixoto: "Perdoai-lhes, Senhor, êles não sabem o que fazer".

6. Por ser construtivo, ama o Passado, pois não se pode construir sôbre o vácuo. Se o presente é o Passado em marcha, e se o futuro é a projecção do presente, que para êle será passado, não podemos obliterar do pensamento, acção e amor, a solidariedade das gerações, a qual faz e une as Famílias e a Nação, verdade sociológica que a baixa "filosofia" republicana immediatista praticamente nega submetendo a Pátria a perpétuas experiências desastradas, como se em cada novo govêrno eleito e em cada nova administração o Brasil estivesse começando ou estivesse sendo descoberto.

7. Assim sendo, não faz Pátria-Nova tábua rasa de todo o bem aprendido no passado (até mesmo na fase anti-nacional republicana!), nem de todo o mal havido (até mesmo na fase nacional monárquica "colonial" ou imperial); pois, sabendo que a história é também "prudência" e mestra da vida (Vide Revista Pátria-Nova, n.º 1), por ela, conservando o bem e renegando o mal pretérito, acrescentamos com novidades saudáveis as coisas antigas sãs. Não sendo, pois, cópia servil do passado, não é superada, uma vez que ela mesma se supera e se adequa às realidades em fluxo, o acidental interessante.

8. "É o Brasil uma Pátria Imperial que não pode ser república de modo nenhum. Não poderá a república resolver os problemas da Nacionalidade e do Estado". — Já o dizíamos em 1929.

Sentenciávamos sôbre 40 anos de História do Brasil. Os soberbos estadistas da Regência haviam concluído o mesmo com apenas nove anos da "república" intra-imperial. Mas, ao revés dêles, não tivemos elementos violentamente convincentes para impor a solução recta e única a que a verdade, e só ela, tem direito de recorrer. Quem o podia nos impôs a coice de armas (poderoso argumento) a continuação das catastróficas experiências republicanas.

E eis-nos de novo no marco zero.

E as experiências da ignorância ou da má fé continuam... e talvez continuarão.

9. Triste é conhecer a História, saber interpretá-la, ler o presente e o futuro à luz do passado e não poder persuadir os homens a agir com inteligência, com senso, com realismo e com sabedoria. E daí nos vem a tentação de citar novamente Humberto de Campos visando especialmente à parte grifada: "Aqui, no Brasil, donde te escrevo, não há reis. Não há reis porque todos governam, e porque todos se julgam superiores aos outros, de modo que todos mandam e ninguém obedece".

E esse "todos se julgarem superiores aos outros" é o demônio republicano fabricante dos "partidos" e dos "grupos" intrigantes e, por influência ambiental, dos "inconformistas" até nos meios anti-liberais em teoria, mas praticamente



obrepodem  
um acto  
ponibili  
aga hip  
nos para  
abstrac  
mocraci  
áriamen  
mula ca  
ROS!  
SANTOS  
novista  
São-Paulo  
Abril de  
lo e 27.º  
er encam  
tal, 8503  
928  
vativas" com  
prio da clas  
ção aliás d  
fatos e ênt  
sitos crível  
lho naciona  
ria e não  
line espirítu  
os princípios  
terá na em  
ção minist  
ção do nível  
e os prêmio  
do aos outro  
Morgens e v  
ião de Indú  
e defesa d  
lva do ofic  
o da produç  
ra da vocaçã  
Polícia Milit  
da Polícia M  
e rigor m  
sica judiciá  
LUSO-BRAS  
mente e par  
o Internacion  
ndial. Estab  
er por um s  
e família" lux  
e, Neolíticas  
cionais à ex  
da Cristand  
sa do Ocident  
uo forte.  
novista explic

empapados do vírus luciferino. É um dos meios habilíssimos de Satanás para permanecer "dans la Cité".

Quem ouvira, no meio do entusiasmo da revolução triunfante em 1930, as idéias patrianovistas bebidas fundamentalmente na íntegra da nossa História? Levámos ao chefe da revolução vitoriosa um memorial do Conselho Supremo com sugestões para a renovação nacional.

10. Estas palavras repitam o mesmo gesto de há 25 anos. A História repetir-se-á. Dos figurante uns serão os mesmos, outros serão novos.

Se Deus não iluminar a inteligência dos homens que não querem espontaneamente exercitá-la, se a graça não mover as vontades que da razão fazem sem-razões, idêntica tragédia coará drama idêntico.

Sem Rei, sem Imperador, não há UNIÃO NACIONAL

Artado VEIGA DOS SANTOS  
Chefe Geral Patrianovista

## Ecos do Manifesto de Abril

Entre os ecos ao Manifesto Patrianovista de Abril, cumpre-nos salientar o do jovem poeta R.G.L., que simultaneamente com a sua adesão nos enviou pequeno artigo definindo a sua posição em face do documento:

— "Conversando como amigos, há dias, toqueli no assunto mais perigoso de todos: a Política. Porém ignorantes do perigo ou, melhor, fingindo que o ignorávamos, começámos uma discussão apertada. Todos estavam de acordo para dizer que a política nacional estava podre, que os deputados e estadistas em geral eram quase todos canelhas de primeira categoria, e que o regime democrático não dava resultados no Brasil.

— "Não há longo espaço entre Democracia e Demagogia, disse um meu amigo, e no Brasil já pulamos a distância fatal...

Cada um tinha a sua solução, e a defendia com veemência.

— "Eu sou monarquista, disse um dos nossos mais caros colegas. Todos nós, republicanos que éramos, ficámos atônitos. Ele, pelo contrário, muito calmo, tirou do bolso um jornal e começou a ler: "Sem Rei não há União Nacional..." e leu o manifesto dos Patrianovistas, que o ilustre poeta, Prof. Veiga dos Santos, assinara corajosamente.

"Após aquela leitura, procurei documentar-me melhor sobre o assunto, meditei profundamente, e cheguei à conclusão seguinte:

— "Não podendo o Brasil continuar como está, deve mudar de regime. Para evitar a corrupção, a política e outros males que florescem hoje em dia, deve-se entregar o poder a um só homem (ditador). Sendo apenas questão de legitimidade a diferença entre ditador e rei, é melhor que o Brasil seja monarquia do que ditadura. O governo na mão de UM SÓ, eis o importante, e estou com o Prof. Veiga dos Santos quando afirma: Sem Rei (ou é, sem o governo na mão de UM SÓ) não há União Nacional".

— Provevera que tanto homem maduro e pretensamente experimentado tivesse o bom senso, e lógica do jovem poeta R.G.L. Seria conjurada breve a epidemia de crises que nos assombra desde 1889.

## Os Republicanos Ignoram a História

Se os republicanos conhecessem mais ou menos a história do Brasil que infelicizam, saberiam que, entre a república em vigor e o II Império tão liberal como ela ou pior do que ela, houve todas as espécies de reformas eleitorais para garantir a verdade e eficácia do voto e da votação... E foram sempre a mesma droga, pois o problema era sempre de regimen: no Império, impunha-se a necessidade de acabar com o liberalismo democrático e parlamentar fazendo-se a Monarquia orgânica das nossas multisseculares tradições; na república, que tem todos os erros do velho Império agravados pelo eleitoralismo desbragado, impõe-se acabar com a... república, a favor do Império Patrianovista imune aos mitos nefastos antigos e novos, i. é pretensamente novos.

Outra tolice é a sugestão do governo colegiado. Já o tivemos e foi uma desgraça: as duas Regências Trinas, a provisória e a permanente. Como ainda havia patriotismo (hoje só há PRATOTISMO!), substituíram os nossos Antepassados o triúviro colégio pelo Regente Único, semelhança do actual Presidente de república e tão eleito como ele. Foi melhor... mas não podia dar certo; era chefe partidário, dependente de eleições e portanto escravo de interesses contrários à colectividade.

Que fizeram então os nossos Maiores? Procuraram um instituto estrangeiro para resolver os nossos problemas à moda dos sábios de hoje?...

Não. Proclamaram maior o Imperador Menino. Pois sabiam que SEM REI NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL. Não há verdadeira Autoridade, não há reponsabilidade efectiva, não há continuidade, não há garantia do bem comum: não há justiça, não há paz.

## Partidos, Governo e Representação Política

O individualismo liberalista de Rousseau e seus compromeiros do iluminismo foi a causa direta da **partidocracia** que gera a cisão e a conseqüente ecllosão de ódios políticos provocados, quase sempre, pela ação do capitalismo estrangeiro intrusado na desordem, que tudo esconde e lhe permite mnrbrar à vontade. Esses ódios, assim sub-repticiamente provocados, são os precursores da anarquia e, por via de conseqüência da dissolução moral e material das nações.

Como se explica, então, a existência dos partidos políticos nos Estados-Unidos, sem que lá se apresente o panorama político acima descrito? perguntará, intrigado, o leitor.

É preciso que nos convençamos, de uma vez por toda, que os partidos políticos não vêm o "interesse nacional" em sua ação, senão, exclusivamente, o interesse de grupos económicos, nacionais ou estrangeiros que, ostensiva ou occultamente, representam. Desta forma, as nações fracas são levadas por ódios à anarquia e à subserviência, porque não têm a sua vida baseada em um forte capitalismo nacional, que os "acomode" face aos seus interesses económicos.

X X X

Nos Estados-Unidos, os partidos políticos são controlados e dominados pelos grandes "trusts", que os financiam em suas campanhas pelo domínio do poder. Assim, não importa, perto Wall Street, que esteja no poder o Partido Republicano ou o Partido Democrático, pois que, tanto um como outro, estão presos a compromissos económicos, que os obrigam a uma orientação política ÚNICA, que dali lhes é ditada. Não se explicará de outro modo a linha constante e invariável da ação administrativa interna — esta, com pequeníssimas variantes — e da ação político-económica, frente às demais nações, seguido por ambos os partidos, quando no poder.

São os partidos políticos nos Estados-Unidos, porque controlados, forças "acomodadas" frente aos supremos interesses dos "trusts", sem possibilidades de produzirem o espetáculo degradante e destruidor, que aqui se verifica, das lutas intestinas, profundamente demagógicas, oriundas de ódios políticos que têm base em oposições desenfreadas, sem um sentido construtivo nacional, mas, pelo contrário, com um claro sentido destrutivo, em benefício exclusivo do capitalismo imperialista que assim, com maior facilidade, nos pode dominar. Dividem-nos para nos conquistar; e, os nossos partidos políticos, são os seus agentes nessa obra diabólica.

Lá, os partidos políticos servem os "trusts" em sua obra propiciando paz interna, para que estes possam produzir e en-

## Verdades para os Politiqueiros Republicanos

Na origem de todas as dificuldades e de todos os desfechamentos, acha-se esta causa única (o sistema electivo). Por que ao Governo não permite a Câmara fazer economias? Eleição! Por que a Câmara obriga ao desperdício o governo? Eleição! Por que se sobrecarregam os orçamentos duma porção de encargos ignorados dos contribuintes e não descontentados de beneficiários: subvenções, indenizações, prémios de rendimento? Eleição! Porque Câmara e governo fazem crer contra toda razão que uma política de fraqueza e descaso assegura o advento da paz? Eleição! Por que hesita um Parlamento em votar encargos talvez pesados, mas necessários à segurança nacional? Eleição! Por que, em toda as circunstâncias e sobre todos os assuntos, a aparência é preferida à realidade, a facilidade ao esforço, a comodidade imediata à utilidade que dura? Eleição! Finalmente perceberam os franceses que o Estado não passa de fantasma e que a cidade não tem mais guardiões. Como reconstituir um Estado? — Monarquia, responde toda uma ardente mocidade. — *Revue des Deux Mondes*, dezembro de 1934.

O QUE É PATRIA-NOVA, PATRIANOVISMO. PATRIA-NOVA ou PATRIANOVISMO é a actualização da Monarquia Tradicional, das nossas Instituições. É um movimento tradicionalista que também já constitui uma tradição: tem VINTE E SETE ANOS DE VIDA.

grandecer-se e, com esta produção e seu poder económico, possam dominar o mundo; aqui, os servem para que não progredamos e, assim, continuemos a lhes servir de repasto succulento e sempre apetecido. Usam, assim, para a mesma obra, só na aparência incongruente e antinómica, o mesmo processo, para obter o seu fim supremo. Lá "compram" os partidos para que, ordeiros, produzam uma administração sempre continuada, que lhes dá a prosperidade económica; aqui, os compram para que se dilacerem em lutas inglórias, destruindo-nos as oportunidades de engrandecimento e liberdade.

x x x

São, portanto, os partidos políticos, um malefício, mesmo quando controlados "benéficamente" pela finança nacional porque, esta, nacional ou internacional, é sempre desumana. Veja-se o caso da venda de armamentos aos comunistas, pelos grandes "trusts" americanos de armamentos, armas estas que, depois, foram usadas contra os seus próprios nacionais, nas frentes de luta. Que fizeram os partidos políticos americanos, para evitar essa coisa inconcebível? Nada, porque era essa, exatamente, a política económica que convinha aos "trusts". Houve, de fato, um inquérito, mas que, exatamente como aqui acontece, logo foi "abafado". Algum "trust" foi punido? Como poderemos punir quem nos paga, se precisamos de seus favores?

Não é demais repetir-se, portanto, que o ortodoxismo republicano-democrático existe e "funciona" bem, nos Estados- Unidos, apenas na aparência; apenas na exterioridade bonita de sua parte visível: o voto saído da consciência "livre" do povo e a "representação" nos Congressos. Entretanto, os eleitos, como acabamos de ver, jamais contrariam a orientação político-administrativa que lhes é ditada, diretamente, dos escritórios dos grandes "trusts", em Wall Street. O que há, ali, de real é, apenas, a continuidade administrativa conseguida pelo poder do dinheiro, em proveito próprio. A grandeza da nação americana, não é outra senão a dos seus "rejs": do petróleo, do aço, do carvão, etc. O seu povo, como o nosso, vive sempre a "espernear" contra os "trusts", em constantes e monumentais greves e a lutar contra os partidos, com as únicas armas que possuem — o seu inexpressivo voto — apeando do poder ora um, ora outro partido, sempre na esperança, — que se frustra sempre, de "melhorar as cousas".

x x x

Diante da corrupção partidária, como poderemos nós, país fraco e pobre, ter continuidade administrativa de governo, se estamos dominados, às escâncaras, pelo argentarismo internacional? Esta continuidade de governo, não pode ser conseguida num sistema de governo que, a cada cinco anos, por força de eleições carnavalescas e "candelarismo" voraz, que consomem com orgias incríveis a fortuna pública e a particular, apeia do poder um partido e nêlo coloca outro que para ali vai **descontinuar** o programa daquele que saiu. A continuidade de governo, se existisse, nos levaria, fatalmente, à independência político-económica, o que de todo não convém aos interesses dos "trusts" internacionais. Daí a "excelência" do regime republicano. Daí os "magníficos" partidos que escolhem para nós os "nossos" representantes, nos quais devemos votar porque não temos outros — realmente escolhidos por nós — em que votar. Não poderá, portanto, haver bons governos que se continuem administrativamente, nos regimes de partidos, sujeitos, sempre, à influência estrangeira, mesmo que se considere a hipótese de termos um capitalismo nacional ativo e suficientemente forte, pois que, inda nesse caso, teria êle de concorrer com o capitalismo internacional corruptor e dissolvente, dentro de nossas próprias fronteiras, cujos interesses sempre são, e continuarão a sê-lo, contrários aos do nosso capitalismo caboclo.

Só no regime monárquico orgânico, poderá haver continuidade real do governo, inteiramente isenta de influências estranhas, pois que o Rei não é homem de partidos, eleito por êles, devendo-lhes obediência e obrigações. Dizemos regime monárquico orgânico, porque só neste regime é possível uma verdadeira representação que fiscalize e oriente o governo, em nome do povo, o que não acontece, mesmo no regime monárquico liberal. Realmente, neste regime, a interferência estrangeira sempre será possível, embora atenuada pelo poder pessoal do Rei, como se verificou no II.º IMPÉRIO que, entretanto, apesar dos seus erros e vícios, foi bem melhor do que a república que nos foi imposta, justamente por essa interferência estrangeira — maçônico-judaica —, empenhada na destruição do ÚNICO GRANDE IMPÉRIO AMERICANO, capaz de lhes fazer frente, económica e militarmente.

A origem de todos os males, na República, está na **falsa representação política** e na descontinuidade de governo. Na "democracia" em que vivemos, o povo não é e nem nunca foi representado, senão em teoria, nos nossos parlamentos. Os chamados "representantes" do povo são homens dos partidos, indicados por êles à votação dos eleitores. Êstes "representantes", muitas vêzes, nem mesmo aos próprios partidos representam. O povo, em geral, não os conhece: apenas nêles vota porque dêles ouve falar nas bombásticas e perdulárias campanhas eleitorais, por meio de propaganda encomendada aos jornais e rádios, reforçada por meio de cartazes e pela ação de "cabos" eleitorais que lhes louvam as qualidades inexistentes. O povo vota nêles, sem ter dos mesmos o conhecimento preciso, para lhes dar um voto de consciência.

x x x

Que fazem êstes "representantes" quando eleitos? Vão trabalhar pelo povo, ou pela grandeza da nação?

Isto seria exigir-lhes o impossível.

Examinemos, realisticamente, a situação: Como poderá um indivíduo, que gastou, em sua eleição, centenas de milhares (para não dizer milhões) de cruzeiros, tratar, no parlamento, dos interesses dos seus eleitores ou da nação se, por uma lei económica inelutável, deverá, antes de mais nada, recuperar o "capital" empatado no "negócio"? Sim, porque foi, realmente, um grande negócio que fêz, um empate de capital que lhe deverá render pingues lucros. Não será mais lógico, portanto, convencer-nos da realidade, embora brutal e cínica, de que **somente** com os minguaços proventos que o cargo lhe confere, não poderá recuperar o que gastou?

Como poderemos, então, a não ser sofisticadamente, admitir que êste indivíduo nos esteja representando no parlamento? Êle ali está representando interesses estranhos ao povo que o elegeu. Êle ali está "defendendo-se", defendendo causas patrocinadas comumente por interesses anti-nacionais, e, na melhor das hipóteses, por seus adversários políticos, que tenham gordas "caixinhas" e que precisem do seu apóio político. A eleição da mesa da Câmara de São Paulo é um exemplo recentíssimo.

Daí a miséria moral que, atualmente, nos estarrece. Daí a podridão que contaminou a tudo e a todos da política nacional, quer sejam do governo, quer da oposição. Daí os escândalos sem conta que, periódicamente, vêm a furo, como tumores pestilentos que nos emporcalham, degradando-nos aos olhos do estrangeiro estupefacto e horrorizado.

Tentar melhorar esta situação degradante, com campanhas de moralização dos costumes, é estultícia. Não se pode recuperar o irrecuperável. Jamais se recupera o fruto podre: joga-se fora, para que não contamine aquêle que, ainda, resta bom.

José de OLIVEIRA PINHO

## Republicanism e Patrianovismo

O republicanism é uma política para um brasileiro abstracto e irreal; o patrianovismo é uma política para o brasileiro concreto e real, que existe, pensa, quer, sente, sofre e paga as asneiras do regimen que lhe impuseram...

**PRESIDENCIA DA REPUBLICA.** Para as próximas eleições, **Patria-Nova**, que não é partido mas cultura política, **aconselha** o candidato Plínio Salgado que respeita e acolhe os postulados patrianovistas.

# O VALOR DUM CHEFE HEREDITÁRIO, NÃO ELEITO, NÃO PARTIDÁRIO

Foi preciso que viesse a república, e que alijasse do trono a Fôrça Catalítica para patentear-se bem claro o curioso fenómeno.

A mesma gente, o mesmo juiz, o mesmo político, o mesmo soldado, o mesmo funcionário, até 15 de novembro honesto, bem intencionado, bravo e cumpridor dos deveres, percebendo, na ausência do imperial freio, ordem de soltura, descaimaram a alcatéia dos maus instintos mantidos de quarentena. Daí, o contraste dia a dia mais frisante entre a vida nacional sob Pedro II e a vida nacional sob qualquer das boas intenções quadrienais que se revesam na curul republicana.

Pedro II era a luz do baile.

Muita harmonia, respeito às damas, polidez de maneiras, joias d'arte sôbre as consolas, dando ao conjunto uma impressão genérica de apuradíssima cultura social.

Extingue-se a luz. As senhoras sentem-se logo apalçadas, trocam-se tabefes, ouvem-se palavriados de tarimba, desaparecem as joias...

Como, se era a mesma gente?

Sim, era mesma gente. Mas gente em formação, com virtudes cívicas e morais em início de cristalização. (Aqui, enganava-se Lobato: pois o mesmo se deu na França, na Inglaterra, na Espanha, em Portugal, na Grécia, em tôda parte onde república sucedeu a Monarquia... Nota da Redacção).

Mais um século de luz acesa, mais um século de catalise imperial, e o processo cristalizatório se operaria completo. O animal domesticado de vez dispensaria ajeitamento. Consolidar-se-iam os costumes; enfiar-se-ia o carácter. E do mau material humano com que nos formámos, sairia, pela criação duma segunda natureza, um povo capaz de ombrear com os mais apurados em cultura (O eterno pessimismo lobatiano sôbre o nosso povo, embora reconhecesse o mal muito maior do regimen. — N. da Red.).

Para esta obra moderadora, organizadora, cristalizadora, ninguém mais capaz que Pedro II: nenhuma forma de governo melhor do que a sua Monarquia.

Mas, sobrevém inopinada a República.

Idealistas inteligentes, emparceirados com a traição e a inconsciência da fôrça bruta, substabelecem-se numa procuração falsa e destrõem a obra de Pedro Segundo, "em nome da nação".

A nação não reage, inibida pela surpresa e também porque lhe acenam logo com um programa de maravilhas, espécie de paraíso na terra.

É sempre assim. Não variam com a longitude nem com a latitude os processos psicológicos do assalto ao poder.

Aqui, assaltado o poder e conquistadas as posições, houve um geral arrancar de máscaras: — **Enfin, seuf!**

## Por um Grande Brasil

"De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honrado". — Rui Barbosa.

Se Rui Barbosa disse isso, que poderia dizer eu como monarquista? Apenas para não dizer muito, que precisamos de um Governo Forte, capaz de honrar o Brasil à altura de suas tradições, oferecer meios adequados às nossas Fôrças Armadas para que possam cumprir a nobre missão de defender no quanto possam, num sacrificio impar, a imensa porção com que Deus nos mijoseou. Isso é o que poderia dizer e desejar para nossa Pátria. Por outro lado é lastimável e injusto que soframos no presente por uma coisa em que não fomos nós os colaboradores. República é poder espúrio, anti-nacional, não é nosso, o que é nosso são os 300 anos de Monarquia vivida no passado, o qual não nos envergonhou e por ser ela condizente com a nossa nacionalidade. O Brasil é por natureza monárquico.

O "Alagoas" levava a bordo a luz importuna, a luz que empatava. E começou a revista de ano, que há trinta anos diverte o país.

Que diverte, mas que envenena.

Que envenena e arruína.

O que havia de cristalização social dissolve-se, volta ao estado de geléia.

Sucedem-se os actores, gingam-se as mesmas atitudes, murmuram-se as mesmas mensagens, reeditam-se eternas promessas.

O povo, cansado e descrente, farto de uma palhaceira destituída da mínima originalidade, cochila nas arquibancadas. Nem aplaude, nem assobia; dorme, e sonha, entre outras coisas, com inopinado surto em cena de um delegado de polícia loiro e dez praças de uniforme desconhecido que ponham fim à pantomina...

Não intervém para realizar por mãos próprias o "Basta", porque se sente tão gelatinoso como os actores. Nada o galvaniza, não o espanta nenhum jangatismo de tony. Abudistado, assiste até ao matar-se em massa.

As cenas do ano 1900 desenroladas na capital da república, durante a última epidemia, são Os NOVES FORA NADA da obra de 15 de novembro. A máquina governamental, caríssima, não funciona nos momentos de crise. Não é feita para funcionar, senão para sugar com fúria acarina o corpo doente do animal empolgado.

De norte a sul o povo lamuria a sua desgraça e chora envergonhado o que perdeu.

Tinha um Rei: tem sátrapas.

Tinha dinheiro: tem dívidas.

Tinha justiça: tem cambalochos da toga.

Tinha parlamento: tem ante-salas de fâmulas.

Tinha o respeito do estrangeiro. Tem irrisão e despezos.

Tinha moralidade. Tem o impudor deslavado.

Tinha soberania. Tem cônsules estrangeiros assessorando ministros.

Tinha estadistas. Tem pégas.

Tinha vontade. Tem medo.

Tinha leis. Tem estado de sitio.

Tinha liberdade de imprensa. Tem censura.

Tinha brío. Tem fome.

Tinha Pedro II. Tem... Não tem!

Numa época terrível para a vida universal, em que cada país procura chefiar-se por intermédio dos homens de suprema energia, Wilson, Lloyd George, Clemenceau, Eber, o Brasil apalpa o pescoço, e não sente cabeça. Chegou à maravilha teratológica duma acefalia inédita.

MONTEIRO LOBATO, artigo D. Pedro II, "Revista do Brasil" — dezembro de 1918.

## DIA DO IMPERADOR

Celebraremos no dia 13 de setembro p. f. o Dia do Imperador, Sr. D. Pedro III, esperança da ordem, da paz, da grandezza e felicidade da Pátria Imperial Brasileira. Conforme o costume, haverá missa de acção de graças na Igreja da Boa Morte, no domingo dia 11 às 8 hs., antecedendo a data. A missa seguir-se-á uma tertúlia comemorativa. Patrianovistas. Glória! Viva o Imperador!

O erro do passado como erro passado, mas endossar esse erro é erro muito maior.

Que pena não haver aquêlles patriotismo sadio que se notava no passado, nos homens que tanto souberam dignificar o país, com seus heroísmos, com suas culturas, sobretudo com seu amor ao Brasil, berço de heróis, Caxias, Osório, Tamandaré, Mauá e tantos outros vultos que se agigantaram!

É verdade que sempre houve e haverá homens bons e maus. Porém o regime vigente favorece o aparecimento e predomínio dos maus. A República é vulnerável a tôdas as ideológicas perversas.

Deve prevalecer o que é genuinamente nosso. Com a Monarquia um Governo Forte.

Arildo BAPTISTA PEREIRA